

FLUL 2018
Genius Loci

Prefácio de
João de Melo

Narrativas de
Mário Nascimento
Vanessa Bastos
Leonardo Fernandes
Joana Fonseca
Luís Ramos

Edição e fotografias de
Ângela Correia

**BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA**

2018

Índice

Prefácio | João de Melo

Apresentação | Ângela Correia

Aqui | Mário Nascimento

Genius Loci | Vanessa Bastos

Anfiteatro | Leonardo Fernandes

Iguais | Joana Fonseca

Devir | Luís Ramos



Prefácio

Escrita Criativa – Faculdade de Letras de Lisboa

No meu tempo, não havia escritores na Faculdade de Letras. Quero dizer, não os havia *in loco* – o que é talvez uma forma pouco elegante de os acusar dessa inexistência. Como éramos alunos noturnos, a ausência deles passava ainda mais despercebida: tornou-se secreta. Eu trabalhava de dia, ia às aulas à noite, estudava nas viagens de metro, e os trabalhos de grupo fazia-os ao fim de semana. O tempo para escrever tinha portanto de ser inventado: dizem ser essa a primeira condição do escritor – inventar o tempo da escrita. Mas eu cruzava-me com rapazes poetas que por sua vez também se cruzavam comigo sabendo-me dado às prosas, e não às musas deles. O pudor dos géneros colidia portanto entre nós, por razões de ordem superior. Diziam-me eles que mais valia uma só musa entreaberta do que muitas das prosas cerradas de que eu era dono e senhor. Nunca me importei com discussões acerca da superioridade dos géneros: preferi elogiar a diferença. Neste caso, a única diferença que me importa é a da linguagem: a sua criação. Eles voltavam-me as costas, iam-se embora. Vaidosos, o

seu ego passava a ser o maior órgão do corpo humano: mais do que cabeça, tronco e membros juntos; mais do que a pele que os cobria e limitava na sua condição poética.

Nunca a ninguém acudiu a ideia de olhar para dentro da Faculdade à procura de talentos. Escritores eram sempre os outros, os históricos, os ecléticos, os teóricos e os amigos dos nossos professores. Agora sim, há-os marginalmente aos cânones e às bibliografias, gente capaz de fazer literatura acerca dos corredores com livros, de um grande anfiteatro verde crómio, do pavilhão novo, do jardim envolvente, dos amores que morrem e de outros que nascem para sempre no intervalo das aulas («vi começar histórias de amor que se tornaram perenes, e vi terminar histórias de amor perenes» – escreve Luís Ramos). Felicito estes jovens desconhecidos que frequentam a Escrita Criativa juntando-me a eles e a uma professora que só podia ter por nome o feminino do anjo.

João de Melo

Apresentação

O *genius loci* era, na religião romana, o espírito protetor de um lugar. A teoria da Arquitetura adotou esta designação para indicar o espírito caracterizador de um espaço. Aquela quase inapreensível, quase inexplicável, indomável alma dos lugares, que os arquitetos teorizaram respeitar, de preferência mesmo integrar, a bem das obras que assinam.

O desafio proposto aos escritores desta antologia é simples de apresentar; não tão simples de vencer: numa narrativa curta, dar ao espaço uma importância maior do que lhe é habitualmente dada na narrativa. Mais: procurar, neste exercício, o *genius loci* da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, espaço que nos é comum a todos.

Estabelecido um prazo, lançámo-lo com um passeio dedicado à FLUL e ao esforço de a estranhar. O espaço familiar enrola-se em torno de caminhos feitos, já se sabe. Em cada dia, a sirene dos navios no nevoeiro, que é o tempo, conduz o movimento humano pelos caminhos feitos, uma e outra vez. Naquele dia e naquele passeio, esforçámo-nos por ignorar a sirene dos navios, sair dos caminhos feitos; olhar para lá dos tetos, subir aos escadotes acidentais, descer à garagem, chamar pelo gato que lá

mora, ouvir histórias dos que passavam ou dos que, espantados, assomaram às portas dos gabinetes de investigação, espreitar as casas de banho desconhecidas, admirar estalagmites de calcário, fotografar caixotes de livros condenados, reparar nas mossas dos degraus pisados todos os dias, nos desenhos verticais da luz, descobrir cabinas de som escondidas, notar cores, palpar fissuras... Um par de horas dedicadas à matéria, ao osso, à forma, que calcorreámos passo a passo, indicadores em riste, à procura do *genius loci*.

Depois, o prazo correu e, sem que tivéssemos conversado muito sobre o assunto, cada um procurou na escrita os ligamentos capazes de tornar o espaço comum num espaço individual, próprio e irrepetível.

Assim nasceu *FLUL 2018, Genius Loci*.

Ângela Correia

A photograph of a wooden floor with a grid of light coming through a window, casting shadows. The floor is made of dark wood planks. A window with a grid of small panes is visible in the background, allowing bright light to enter. The light creates a grid pattern on the floor, with shadows cast by the window frame. The overall tone is warm and natural.

Mário Nascimento | Aqui

Ontem sonhei que voltava à faculdade.

Não me lembrava das aulas, nem dos professores, indiferentes e tão clínicos como o corredor branco da cave, iluminado a luz fluorescente, de cozinha ou hospital. Durante o sonho, no piso demasiado próximo da terra, ao nível das raízes dos pinheiros e abaixo da entrada do Pavilhão Novo, podíamos estar semimortos e ainda não sabermos.

No dia em que entrei na Faculdade, morreu a minha mãe. Só o soube umas horas depois.

Não foi mesmo naquele dia, mas na minha memória ficou assim. Durante anos, foi inverno para mim. Acreditei que o céu me substituíra no choro e eu chovia de tal maneira que me sentia preso na lama, suficientemente enterrado para compreender que este era um sítio de enganos, de desilusão.

No século XVIII, havia quintas de recreio, para impressionar. No final de oitocentos, projetaram uma urbanização: o Bairro Europa. Imaginava os investidores com as avenidas desenhadas, toponímia de países europeus, um pavilhão de exposições, o picadeiro, moradias *belle époque*, gradeamentos Arte Nova... E depois, um edital camarário que anulava a aprovação anterior: queriam fazer um parque florestal... a cidade terminava na linha de comboio. Foi a ruína de várias famílias. As expetativas goradas, o desconsolo... A impossibilidade de continuar.

Durante anos, ninguém construiu nada nestes terrenos.

O tempo parou.

O arquiteto nunca terminou a obra da Universidade, morreu também. O Pavilhão Novo manteve-se provisório para sempre. E eu não concluí o curso.

Os relógios nunca mais funcionaram.

Não sei porque escolhi vir para aqui. Não foram os nomes, nem os passos. Não foi o prestígio de quem por cá andou. Foram talvez as altas colunas polidas e a entrada monumental que me fizeram ficar. Ou uma espécie de encantamento como o do cântico das sereias; como se as colunas fossem os mastros de uma nave e elas estivessem lá fora, presas à rocha.

Há palavras que são mágicas, como aquelas que eu gritava aos 13 anos, durante o caminho para casa:

quero que os meus pais morram
quero que os meus pais morram
quero que os meus pais morram
quero que os meus pais morram
quero que os meus pais morram

Palavras que, uns anos depois, fizeram acontecer.

Assim também devem existir sítios magnéticos, que nos controlam. Locais onde há uma natureza a que não se consegue escapar.

E foi por isso que fiquei aqui, preso entre paredes de tijolo de vidro, atrofiado por línguas mortas, limitado por corredores largos, mas onde me perdia, tentando seguir um fino fio de latão no chão. Seguindo-o sempre, contornava um peristilo estéril de pedra e, ao fundo, encontrava a mais misteriosa de todas as casas de banho da Faculdade. Os azulejos eram verdes como um lago de nenúfares, de uma tropicalidade indiferente às estações do ano. Os escritos prodigiosos nas portas, ilustrados a caneta de acetato e com pormenores a corretor. O pequeno espelho entre lavatórios denunciava um mundo invertido, onde agora se replica uma fúnebre parede cinza e sanitários avariados. Havia rapazes de Direito que ali

procuravam o prazer, mas eu nunca passei do primeiro cubículo.

Frequentei a Faculdade anonimamente, no singular.

E foi sozinho que me revi no sonho: ia no 35. O diploma numa mão. Olhando para trás, vi-a sem teto e coberta de hera cor de laranja. Não havia pessoas e a luz crepuscular tirava-lhe nitidez. Só a fachada se destacava. Ainda se ouvia o cantar das musas presas à parede e as polidas colunas evocavam um velho templo de pitonisas, cheio de sortilégios e promessas por cumprir.

Ontem, sonhei que tinha de voltar à Faculdade.

Mário Nascimento

An open notebook is shown from a top-down perspective, lying flat on a light-colored wooden surface. The notebook's cover is made of light-colored wood with rounded corners. The left page is covered in a tan-colored paper with a fine grid pattern. The right page is a plain, off-white sheet of paper. The notebook is held open by several small, silver-colored metal clips along the spine. The lighting is soft, casting gentle shadows across the pages and the wooden surface.

Vanessa Bastos | *Genius Loci*

Sentia um remoinho ascender dentro de mim. Sentia-me mais do que tenso, sentia-me diminuto, como um verme rastejando pela parede acima, atravessando o teto, a par das instalações elétricas por onde correria o meu sangue, caso fosse eu um Deus deste lugar. Estou certo disto: eu não sou um Deus. E esta indistinção entre mim e o espaço só mostra a minha mais do que humana fragilidade ou mesmo a minha inferioridade, que não conseguia deixar de sentir. Não conseguia discernir ali dentro. Não conseguia «ser» naquele espaço. Não discriminava a minha subjetividade na tentativa de abarcar todo o novo espaço. Chão e teto trespassavam-me e tornavam a minha presença contínua no imenso corredor....

E foi assim o primeiro... aliás, foram assim os primeiros dias de aulas. A violência com que a minha

solidão foi exposta a uma multidão fez dos olhares a cauda de um pavão – com tonalidades mais modestas e aborrecidas – saindo de entre pigmentos das ranhuras, dos padrões cromáticos, que aos poucos me salvou das almas circundantes. O abstrato magnífico, criado pela junção da atividade do Homem e da Natureza, passou a entreter a minha retina e o meu idiossincrático isolamento, num delirante êxtase contemplativo.

Inês. Mais uma aula de Literatura. Ela marca presença. Não participa, enublada por uma indiferente apatia. De rompante solta-se o impulso. Miro-a num desvio de pensamento. Ela usa óculos e uma camisola cheia de aparatos florais que cintilam. Foquei-me nos textos da antologia que imaginava escritos nas paredes como pinturas; assim me deleitava na minha

intermitente distração e atividade criadora. Talvez tivesse alma de artista ou fosse mais um génio frustrado, esquecido pela História, como tantos espectros que nos corredores passam preenchendo as paredes de sombras, em que só eu reparava, que só eu temia, sempre que cada nova aula se iniciava, e eu na minha solidão me afirmava.

Só. Sentado na paragem do autocarro recompus-me, adaptando-me à frescura que sentia fora daquele lugar. Vi o inesperado. Um momento que eu interpretei como de uma enorme intimidade entre o professor José e a Inês. Ele leva-a de boleia. Oh!... Devem ser só esclarecimentos de dúvidas, coisas de trabalho; esforço-me por acreditar. Mas que tenho eu que ver com isso? Que exaltação é esta?! Isto não faz sentido. Talvez morem perto... O platonismo só

existe nos livros. E esta exaltação amorosa também só é própria de velhos poemas, eu mal a conheço... É ridículo. Eu sou ridículo...

E eu tão minúsculo... tão medíocre, tão miserável. Ela é filha de um professor, acabei de descobrir. E eu não sou ninguém neste lugar sombrio. Um simples aluno que não discerne sobre os lugares, quando rodeado de pessoas. Serei eremita, mas amando-a. Oiço-a ao telemóvel a perfumar o espaço. E todo o meu ser quer estar no lugar que é o dela. Em vez de mim a suspirar na sombra, sinto, e finalmente abarco o concreto do sítio em transcendência no concreto, e inspiro o perfume dela. Tudo à minha frente se torna luz e me faz ver, pela primeira vez, que os corredores contam milhares de histórias de amor. É uma questão de persistência. E todo o meu sentimento se apaga

nela para se acender em meu redor... E encontro-me antes de cada aula no tal sítio em que devo estar; não só, mas com o *genius loci*, em deslumbramento mútuo. Do caos surge a luz, surge o amor e o conhecimento, que se me revelam como sinónimos a usar para expressar a minha identidade e pertença à Faculdade de Letras.

Vanessa Bastos

FLUL
2018
*Genius
Loci*

Vanessa Bastos | *Genius Loci*

ANFITEATRO II

Leonardo Fernandes | Anfiteatro

Passados sete meses volto aqui. Que ironia este ano não ter aulas neste anfiteatro, agora que preciso de escrever sobre ele. Esta porta nunca foi entrada e hoje não vai mudar; tranco aqui os restos de memórias que ligeiramente me perturbam.

Fingi que estava inscrito na disciplina, puxei uma cadeira e sentei-me. Sentei-me no canto superior esquerdo, na perspetiva do professor, que se prepara para começar a aula.

Ninguém deu por mim e eu não dei por ninguém. Só quero estar aqui sentado e refletir sobre este espaço. Vou começar pelas paredes. O tom verde deixa-me nauseado. Terão sido propositadamente pintadas neste tom de verde gasto e deslavado ou gastou-as e deslavou-as o tempo? A cor desinteressante das paredes pode ter sido estrategicamente escolhida, para não distrair os

alunos que assistem a aulas neste anfiteatro. Em mim, provocam incómodo e curiosidade.

Se me colocar na perspetiva do professor, as arquibancadas de madeira confundem-se com a madeira colocada até meia parede. Quem viaja por mundos paralelos, como eu, imagina que os alunos estão a nadar em madeira, debaixo de um céu verde deslavado. Nunca me tinha apercebido de como estas paredes realmente me intrigam.

Agora que penso nisto, este anfiteatro é perfeito para ter aulas. Para alunos normais e focados, é lugar apático e aborrecido. Tão desinteressante que o escolhi.

Endireitei-me na cadeira, puxei-a para a frente, e ouvi ranger o chão de madeira. Ninguém deu atenção.

Quero focar-me no anfiteatro e escrever sobre ele, sobre os alunos que talvez estivessem aqui, há uns anos, a divagar dentro da própria mente, a observar o que não é suposto observar ou sequer notar. Mas, depois, as arquibancadas, este canto específico, este lugar vazio ao meu lado, trazem-te até mim. Tu que juntaste a tua cadeira à minha e te aconchegaste a mim. Tu que participaste na minha aula de Arte Contemporânea, embora ainda andasses no 12.º ano. Tu que me seduzias para sair mais cedo das minhas aulas sobre Van Gogh, tentando não fazer barulho com as cadeiras nem com aquela porta irritante. Onde estarás agora? Porque não voltaste cá comigo?

Estou exatamente no mesmo sítio onde nos sentávamos sempre. Quão melodramático... Tantos espaços vazios neste anfiteatro e em mim. Pensei não ter coragem para aqui voltar. Anulei todas as cadeiras

que me calharam neste sítio. Mas voltei, e não sinto nem libertação nem alívio, porque, no mundo real, quando se sente algo muito forte por alguém, aquilo a que chamam «amor» ou algo parecido, a perda que fica connosco agarra-se aos espaços onde passa, e fica lá.

Neste anfiteatro, vivi emoções extremas. Percebi que realmente estava na Faculdade quando aqui entrei e estavam mais 100 pessoas a assistir à aula comigo. Aqui cresceu o meu amor pela Arte, naquelas aulas em que só estava eu e os quadros projetados. Aqui decidi o que queria fazer para o resto da minha vida. Neste anfiteatro fui feliz. Até te trazer cá e manchar as minhas memórias felizes com desilusão, perda, solidão, traição e tantos outros resultados de ti.

Parece que a aula está a acabar; não dei pelo passar do tempo e nem sequer percebi do que estavam a falar.

Este anfiteatro para-me no tempo e não quero sair daqui nem voltar ao mundo habitual. Aqui estou ligeiramente confortável e, disfarçado em lembranças, também cá estás. Sentado ao meu lado, quando ainda nos suportávamos.

Estão a levantar-se para sair, mas eu vou ficar mais um bocado.

Leonardo Fernandes

Leonardo Fernandes | Anfiteatro

Nota da editora – Já em fase de edição, quando os autores deste livro conheceram as narrativas uns dos outros, o Mário Nascimento fez-me chegar esta nota ao texto do Leonardo Fernandes. Julgando-a do interesse dos leitores, deixo-a aqui: «O Leonardo já saberá a razão da cor verde do anfiteatro? Todas as épocas tiveram as suas cores prediletas, esquemas em que predominavam conjuntos de cores: nos anos 90 era o amarelo para corredores e salas, nos anos 2000 era o verde crómio e o laranja (até as pessoas que adoravam o branquinho-do-nosso-coração tinham uma parede numa destas cores) e era impossível fugir às cadeiras de centros comerciais, pastas de documentos, garrafas térmicas etc. nestas cores.

Algures no tempo, definiu-se que os estofos de salas de jogo e de bibliotecas particulares deviam ser verdes. No final dos anos 30, cansados da exuberância policrómica do Art Déco, esse verde fixou-se num tom de verde seco com um bocadinho de cinzento, a que por cá se chamou verde oliva e, em França, *vert amande*. É claro que havia quem preferisse vermelho-preto-branco ou amarelo-azul ou outra cor qualquer, mas nos anos 40 e 50 as cores chiques eram o tal verde oliva e um cor de rosa-não-me-chateies-que-sou-tua-mãe como aquele que encontramos nos corredores da FLUL, num revestimento em placas que se usaram nos anos 50 e 60, normalmente em exteriores (mas, olá!, um corredor de um espaço público e institucional é um prolongamento do exterior) e alguns interiores.

Ora, o anfiteatro foi limpo (pintado de novo) e, ou porque as pessoas não se preocuparam em usar o pantone para apanhar o tom original ou porque não resistiram ao chamamento de dar ao verde-do-pecado-original um tom que denunciasse a contemporaneidade, lá escolheram um verde que vai um bocadinho mais para os anos 30, como o da Villa Cravois do

Mallet-Stevens. Talvez não tenha sido nada tão intelectual e científico... terá sido o facto de a pessoa que escolheu a nova cor ter feito o esforço de escolher a cor certa, e estar convencida de que era assim que ela era antes da fuligem e do pó. Mas acontecerá que essa pessoa não gosta do acre do aniz, nem do feltro na língua do champanhe bruto, nem do cheiro rigoroso e reto do vinho branco seco. Será mais uma pessoa de martinis, Spritz, vinho adocicado, frutos secos com papaia, coco e sultanas. Vai daí escolheu um verde em cuja composição há uma quase impercetível tonalidade amarela – que o torna mais doce aos nossos olhos – e um pouco de branco – em vez de cinzento – que o torna mais leve, mas menos harmónico com o peso das madeiras e mais contrastante com as ditas, destacando-as.

É incrível como as cores refletem uma forma de estar e uma cultura-partilhada-por-todos-mas-sobre-a-qual-ninguém-fala (por ser íntima? de interiores? da pequena vida comum? por não pertencer à grande História?)».

Joana Fonseca | Iguais

Entrei na Faculdade de Letras, a terceira faculdade que visitei naquele dia.

Tinha terminado o secundário e, como toda a gente da minha idade, não tinha nenhuma ideia sobre o que fazer a seguir. Mas tinha a meu favor uma vantagem que a maioria das pessoas não tem: o meu pai. Naquela manhã, acordou-me ainda não eram oito horas. Disse-me que iríamos a Lisboa visitar faculdades. Refilei dizendo qualquer coisa de que não me lembro, como qualquer adolescente acordada pelos pais, durante aquilo que considera ser a madrugada. O meu pai respondeu, com a calma pela qual é conhecido, que uma decisão tão importante não pode ser tomada apenas pelo que se lê na Internet. E, graças a ele, entrei pela primeira vez no átrio da Faculdade de Letras.

Sentei-me, ao fim de umas horas, nas escadas do átrio. Do topo da escadaria, observei a Faculdade silenciosa. Relembro-me a percorrer os longos corredores com as bancadas cheias de livros. Pensei em todos os lugares que ainda havia por descobrir. E imaginei-me, na hora de almoço, sentada nas escadas a ler um livro sem interrupções. Senti que estava numa Faculdade de sonhadores, onde poderia tornar-me na pessoa que quisesse ser. Senti que era a minha Faculdade.

Quatro anos mais tarde, estou sentada no lugar exato em que me sentei naquele dia. À minha volta, encontro vários estudantes perdidos nos seus universos. Uns leem, outros veem séries nos mais variados dispositivos, alguns apenas ouvem música. Pergunto-me se o fazem para passar o tempo até à

aula seguinte, ou se usam estas atividades para fugir de algum confronto social. Porque mesmo aqueles que se juntaram em grupo não conversam uns com os outros.

Para quem quiser estar atento, não é raro ouvir comentários sobre estes estudantes às pessoas que passam pela escadaria do átrio e observam, sem compreender. E, no entanto, a nenhum destes alunos faz nenhuma diferença que os compreendam ou não. Nem lhes interessa que, no piso abaixo deles, todos os dias vários estudantes se juntem no bar «Coca-Cola», apenas para conviver e beber cervejas. Não se importam de ser os «outcasts», os «diferentes». Porque a ficção e os mundos instalados nas mentes deles lhes dão mais prazer do que a realidade. Na realidade, são constantemente julgados. A realidade dói.

É por isso que me encaixo aqui. É por isso que, ao fim destes anos, em todas as minhas horas livres na Faculdade, continuo a dirigir-me às escadas do átrio – o único lugar em que posso passar horas sentada, a olhar para as pessoas que me rodeiam enquanto escrevo sobre elas. Enquanto tento perceber o que as motiva a virem sentar-se nestas escadas onde me sento também. Enquanto tento perceber se as razões delas são iguais às minhas. O único sítio onde olham para mim, enquanto escrevo a toda a velocidade num pequeno caderno, sem me julgarem «estranha».

Porque aqui, nas escadas do átrio, somos diferentes do resto do mundo. Mas quando olho para eles e eles olham para mim, aqui... somos todos iguais.

Joana Fonseca



Luís Ramos| Devir

Estou neste jardim desde 1960. Vi crescer estas árvores. Vi dos professores os que eram muito novos e os que eram muito velhos; os que ficaram por um ano e os que ficaram toda a vida. Vi dos alunos os que entraram pela primeira vez e os que saíram pela última; os que desistiram poucos dias depois e os que se tornaram professores. Vi nascer grandes projetos por baixo do meu corpo, e vi grandes desilusões. Vi começar histórias de amor que se tornaram perenes, e vi terminar histórias de amor perenes. Ouvi os gritos, os risos, as músicas...

Vejo... ouço... e não sou exterior a nenhuma mudança. Este devir constante tem provocado em mim tamanha tristeza. Começo a afeiçoar-me às conversas, aos gestos, às pessoas, aos cheiros, à familiaridade que a constância em mim provoca. Quando tudo se altera, tudo se repete... como eterno

retorno do mesmo que se dá numa só vida. É este ser do que é... como é... que me angustia...

Enquanto estes pensamentos reverberam na mente da estátua de D. Pedro V, em seu auxílio vêm os espíritos de Santo Agostinho e de Espinosa.

– Pedro! Como tem passado? O céu está maravilhoso! É verdadeiramente superior ao céu de Leiden!

– Como está o meu amigo Bento? Eu tenho estado por aqui. O meu traje vai-se esverdeando... Algumas partes do meu corpo vão ficando informes... mas eu continuo aqui... E o senhor Agostinho, como tem passado?

– Eu estou bem! O Bento pressentiu no seu estado de espírito uma tristeza anómala, pelo que temos o prazer de lhe fazer esta visita, com a certeza de que o animaremos.

– Ah... meus amigos... vejo tudo a alterar-se à minha volta. Vós, amigos meus... que sois livres, podeis viajar por quantas terras desejais. Mas eu, que estou preso a este chão, jamais poderei erguer-me.

– Entendo a sua dor. O bem da alegria imediata... como é tão efémero... como é tão finito. É por isso que eu, após íntima reflexão, passei a buscar somente a necessidade. As ideias necessárias, que nunca se alteram, são aquelas às quais devemos aspirar. Quer variem as pessoas, quer variem as situações, a felicidade está nessa necessidade permanente, nessa permanência inalterável e não pode estar noutro lugar. O senhor tem muita sorte. Eu procurei essa felicidade por toda a minha vida e, depois que ela se me extinguiu, também. O Pedro, imóvel aí como está, faz parte deste lugar. O estado dele é de uma necessidade tão absoluta que por muito que os seus olhos se

apercebam do devir que o rodeia, o ser autêntico que há nele permanecerá.

– Agostinho, como é verdade o que dizes... Repara, Pedro, eu que sempre considerei cada ser e cada ação como necessariamente instituídos, eu que sempre atribuí à contingência um caráter enganoso e rude, tenho de concordar. Por isso vê quão infundada é a tua tristeza...

– É verdade, amigos. Têm toda a razão. É infundada a minha tristeza. Ainda que o devir se insinue e habite este lugar objetivando-se no afixar e desafixar de cartazes, no chão plano ou carcomido, no teto branco ou escuro, nas secretárias redigidas como páginas soltas de um pergaminho, provocado por aqueles que saem e entram a todo o momento, não só há algo de original que não se perde nestes objetos que vejo, nestas conversas que ouço, nestes momentos que

presencio... como também as marcas do devir se vão entranhando nas coisas, criando tamanha afinidade que acabam por tornar-se constituintes da essência eterna e inacabada. Agradeço-vos. A minha tristeza permanece. Graças às vossas palavras, contudo, o caminho conducente à felicidade foi aberto para que possa identificar-se, mais sossegada e necessariamente, com este espaço.

Luís Ramos

FLUL
2018
*Gemius
Loci*

Luís Ramos | Devir

FLUL 2018
Genius Loci

Prefácio de
João de Melo

Narrativas de
Mário Nascimento
Vanessa Bastos
Leonardo Fernandes
Joana Fonseca
Luís Ramos

Edição e fotografias de
Ângela Correia



**BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA**

2018